



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17492 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)  
 ISSN: 2595-7945  
 GT 16 - Educação e Comunicação

**O AQUILOMBAR-SE E O ESCREVIVER-SE DE DJAMILA NO RODA VIVA**  
 Paula Fernanda Oliveira Souza - UEMG - Universidade do Estado de Minas Gerais  
 Cirlene Cristina de Sousa - UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS-  
 FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
 Agência e/ou Instituição Financiadora: PAPQ/UEMG

#### **O AQUILOMBAR-SE E O ESCREVIVER-SE DE DJAMILA NO RODA VIVA**

No presente trabalho, apresentamos saberes compartilhados pela intelectual negra Djamila Ribeiro no Roda Viva. Tal trabalho é parte dos resultados de uma dissertação de mestrado, na qual se analisou a participação educadora da intelectual Djamila Ribeiro no programa Roda Viva. Que saberes são aí partilhados? No ar desde setembro de 1986, o programa Roda Viva, um híbrido de entrevista e debate. Apresentado todas as segundas-feiras, às 22 h, sendo transmitido simultaneamente, no site da TV cultura, pela TV, Facebook, Twitter e YouTube. Para tanto, orientamo-nos pelo conceito de televisão de Arlindo Machado (2000), para o qual a televisão pode ser abordada a partir de duas perspectivas: na primeira, ela é tomada como um meio de comunicação de massa, impactando a vida social moderna; a segunda, a televisão pode ser compreendida como dispositivo audiovisual através do qual a sociedade visibiliza descobertas, inquietações, anseios e conflitos. No dizer de Machado, “a televisão é e será aquilo que nós fizermos dela” (2000, p. 12).

Metodologicamente, partimos do pressuposto da “Pedagogia das Encruzilhadas”, a qual exige da/o pesquisadora/o rompimentos paradigmáticos com formas eurocentradas de se olhar para a produção dos saberes. Por meio de tal pressuposto, entendemos que era preciso olhar para a produção televisiva com olhares em frestas e cruzos (Rufino, 2017, p. 18). O cruzo deve ser tomado como perspectiva teórico-metodológica capaz de rasurar, reinventar e transgredir à lógica eurocêntrica colonial. Assim, partimos do pressuposto de que a presença de Djamila no programa Roda Viva desestabiliza epistemologias eurocentradas a partir das

sabedorias que emergiram da travessia do Atlântico e do ingresso ao Novo Mundo, reorganizando os saberes e “transformando-os em pedagogia de fresta” (Rufino, 2019, p. 124).

Do conceito de saber, partilhamos da argumentação de Antônio Bispo dos Santos (2015), o qual trabalha com a ideia de dois tipos de saberes, quais sejam: os saberes orgânicos (saberes ancestrais) e saberes sintéticos (saberes acadêmicos). Saberes orgânicos são aqueles advindos da terra, da memória, da oralidade e da ancestralidade. Saberes voltados para a vida, ligados à dimensão do ser. Saberes sintéticos, são aqueles conhecimentos provenientes da academia, aqueles “extraídos da vida, extraídos do ser para beneficiar o ter” (Bispo, 2015, p. 17). Nilma Lino Gomes (2017) trabalha com a dimensão dos saberes orgânicos advindos das lutas negras, a saber: os saberes identitários, políticos e os estético-corporais. Todos estes atravessados pela questão da raça. Os saberes identitários enfatizam a importância do movimento negro nas discussões sobre a questão racial no Brasil. Os saberes políticos emergem como denúncia às heranças do racismo científico que perduram até os dias de hoje. Os saberes estético-corpóreos, são aqueles ligados à dimensão da corporeidade e estética negra.

Com um olhar sobre a lógica interacional da entrevista de Djamila no Roda Viva, capturamos o debate sobre Raça e seus aquilombamentos como uma chave de leitura. O conceito de raça é notado no girar da Roda, tanto como conteúdo, quanto como aprendizagem do saber-se e do tornar-se mulher negra. Tornar-se que se mostra vinculado à experiência racial, que negros e negras vão construindo ao longo do seu saber-se e do seu tornar-se pessoa negra. Saberes aprendidos através das muitas lutas de mulheres negras que vieram antes dela, fazendo refletir no programa a educação racial recebida dessas lutas.

É nesse sentido, que Djamila enfrenta o Roda Viva se apresentando como mulher de Exu e quilombola. O entender-se como mulher de Exu/quilombola é ao mesmo tempo, tornar-se e saber-se mulher preta. Exu é destacado como aquele que abre caminhos. Caminhos que ensinam a essas mulheres, o saber de uma pertença, das lutas contra uma série de opressões, como: a racial, a de gênero, a classista, entre outras. Em uma dessas opressões, Djamila responde à acusação de que ela seria uma mulher preta liberal. Ao confrontar-se com essa acusação, Djamila argumenta:

E eu me vejo como quilombola, eu não me vejo como liberal. Eu me vejo tirando de quem tem, pra dar onde não tem. Eu me vejo, inclusive, utilizando a cosmovisão do candomblé. Eu sou uma mulher que acredita em Exu, que acredita na troca. Que acredita num outro lugar. O mundo não é a Europa.

Rasurando essa acusação, Djamila lembra que ao contrário dos brancos milionários, a preta, quilombola quebra algumas algemas do capitalismo, como o ascender-se socialmente como gente preta. Ela, como mulher quilombola, come dos privilégios que a ascensão de classe lhe tem permitido, mas produz aí uma regurgitação, vomitando o privilégio de classe, transformando-o em possibilidades de direitos a outras pessoas pretas. Como mulher de Exu, ela aponta ainda que sua forma de perceber o mundo está vinculada à perspectiva de vida

afrocentrada, cosmopercepção preta aprendida em suas lutas raciais, como a religiosa.

A partir da categoria “Raça e seus aquilombamentos”, outros elementos atravessam o saber-se mulher preta, como o Escreviver. Djamila nos diz que as aprendizagens raciais do escrever são formas de combater o racismo editorial, literário, jornalístico e midiático no Brasil. O escrever-se se apresenta como uma das estratégias de existência e (re)existência das mulheres negras. Assim, a escrita preta é notada como atos de resistências e também de “desobediências” frente às escritas oficialmente brancas. Segundo Evaristo: “a escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra” (2005, p. 205).

Djamila compartilha no centro do Roda Viva que hoje, ela e outras mulheres negras têm lutado para dar importância e visibilidades às produções escritas por autoras/es negras/os. Para ela, tais escritas são fundamentais para se questionar a hegemonia do papel do escritor e do intelectual branco no Brasil. É uma forma de tensionar a circulação também hegemônica de obras escritas por pessoas brancas em espaços institucionais como a universidade e a escola. Nesse sentido, ela debate ser importante dar lugar, publicizar e aquecer o mercado editorial com produções de pessoas pretas. Como estratégia para o saber do escrever, ao longo do programa, Djamila em interlocução com os demais interlocutores, cita um conjunto de conceitos e obras literárias, artísticas, políticas e científicas escritas por autoras e alguns autores negros. Nota-se aí, tanto uma estratégia comunicacional das pessoas negras presentes no programa Roda Viva – reforçando a ideia de pacto preto na televisão – mas principalmente, como uma estratégia de educação antirracista.

Em termos de conclusão, ao adentrarmos no espaço televisivo Roda Viva, identificamos como Djamila Ribeiro rompe com os signos, barreiras, estereótipos, imagens de controle e como a mídia televisiva recebe e é afetada pelas tensões provocadas pelos saberes insurgentes negros daquela emissão específica. Nesse sentido, chegamos ao nosso primeiro achado de pesquisa, a saber: Raça e seus aquilombamentos. Na emissão de Djamila, evidenciamos que uma das grandes aprendizagens que tornam a participação de Djamila uma presença educadora, naquele programa televisivo, é a aprendizagem da racialidade. Por fim, notamos que Djamila Ribeiro entrega a insurgência de saberes negros no programa Roda Viva, neste texto, destacamos o aquilombar-se e o saber escrever. Djamila através de sua ginga e pelas frestas rasura a perspectiva de uma história única, demonstrando como a população negra criou e continua criando possibilidades de existência e (re)existência desde a diáspora africana, chegando à televisão branca brasileira.

**PALAVRAS-CHAVE:** Roda Viva; negras educadoras; saberes negros.

## **REFERÊNCIAS**

BISPO, Antonio. Colonização, quilombos: modos e significados. **BRASÍLIA: INSTITUTO NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE INCLUSÃO NO ENSINO SUPERIOR E NA PESQUISA, 2015.**

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. **REVISTA PALMARES**, v. 1, n. 1, p. 52-57, 2005.

GOMES, Nilma Lino. **O MOVIMENTO NEGRO EDUCADOR: SABERES CONSTRUÍDOS NAS LUTAS POR EMANCIPAÇÃO**. Editora Vozes Limitada, 2017.

MACHADO, Arlindo. **A TELEVISÃO LEVADA A SÉRIO**. São Paulo: Editora Senac, São Paulo, 2000. 5ed.

RUFINO, Luiz. **PEDAGOGIA DAS ENCRUZILHADAS**. Mórula editorial, 2019.